

NACIONALISMO DOS DOMÍNIOS OU PATRIOTISMO IMPERIAL? CIDADANIA, RAÇA E A PROPOSTA DE UMA EQUIPE OLÍMPICA DO IMPÉRIO BRITÂNICO¹

Matthew P. Llewellyn²

California State University

Fullerton, EUA

mlllewellyn@fullerton.edu

Resumo

Após um desempenho britânico desastroso na Olimpíada de 1912, em Estocolmo, a Associação Olímpica Britânica (BOA, na sigla em inglês) anunciou um projeto para consolidar as distintas unidades do Império Britânico em uma única equipe olímpica para os jogos seguintes, em Berlim (1916). De olho em Berlim, um evento de grande importância, dada a escalada do antagonismo anglo-germânico, o BOA imaginou que uma equipe unificada da *Grandessíssima Bretanha* solidificaria as relações das colônias e domínios com a velha pátria-mãe e resgataria a autoimagem da Grã-Bretanha como líder do esporte moderno. Porém, os esforços para manter a posição esportiva global da Grã-Bretanha através da fusão do Reino Unido e de suas possessões globais em uma equipe olímpica formidável sofreram dura oposição. A crescente independência política das colônias e domínios britânicos, somada à arriscada tarefa administrativa de selecionar, organizar e financiar uma equipe britânica intercontinental, criaram problemas para as ambições imperiais do BOA.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; cidadania; raça; nacionalismo; imperialismo.

Abstract

Dominion Nationalism or Imperial Patriotism? Citizenship, Race, and the Proposed British Empire Olympic Team

In the aftermath of a calamitous British performance at the 1912 Olympic games in Stockholm the British Olympic Association (BOA) announced a plan to consolidate the various units of the British Empire into a single Olympic team for the forthcoming 1916 Berlin games. Casting their eyes ahead towards Berlin, an event generating extra importance given the continued escalation of Anglo-German antagonism, the BOA conceived that a unified Greater Britain team would solidify colonial and dominion

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, vol. 39, n. 1, primavera de 2012, p. 45-62. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte (Nota do Editor).

² Department of Kinesiology.

relations with the old mother country and salvage Britain's self-perceived reputation as the leader of modern sport. Efforts to maintain Britain's global sporting position by welding the United Kingdom and its colonial possessions into a formidable Olympic team faced stern opposition. The growing political independence of Britain's colonies and dominions, coupled with the perilous administrative task of selecting, organizing, and financing a transcontinental British team compounded problems with the BOA's imperial ambitions.

Keywords: Olympics; citizenship; race; nationalism; imperialism.

A era eduardiana foi uma época de grande ansiedade para os britânicos. Apesar de dominarem um vasto império transatlântico “no qual o sol nunca se punha” e garantirem uma influência cultural e militar notável ao redor do globo, a ameaça de declínio perseguiu o imaginário britânico (BETTS, 1971; GIBBON, 1993). Durante o fim do século XIX e o início do seguinte, uma sequência avassaladora de desafios imperiais, políticos e sociais provocaram bastante apreensão e incerteza. O medo britânico de um declínio nacional atingiu o ápice, acelerado pelos amplos protestos trabalhistas e pelo sindicalismo militante; pela maré crescente de radicalismo liberal e democratização; pela fúria nacionalista irlandesa; pelo movimento sufragista feminino; pela acentuada competição econômica internacional; e pelo tom agressivo da ambição naval alemã (CANNADINE, 1990; GREEN, 1996). Mesmo no âmbito imperial mais amplo, os britânicos encontravam sinais de decadência e declínio, à medida em que rivais internacionais buscavam um lugar ao sol: Rússia e Japão lideravam a “disputa pela China”; a França reafirmava suas reivindicações no norte da África; os Estados Unidos anexaram Guam, Porto Rico e Filipinas, enquanto a Alemanha garantia um império três vezes maior que o Reich, estendendo-se de Camarões até o leste da África. No clima de fervor nacionalista e de darwinismo social da época, o envolvimento quase desastroso na Guerra dos Bôeres (1899-1902) detonou previsões sombrias sobre a queda

do imperialismo britânico e a degeneração da chamada raça britânica (REYNOLDS, 1991).

Em 1912, uma série de desastres simbólicos contribuíram para o receio britânico de um declínio nacional. O *Titanic* afundou em sua viagem de estreia para Nova Iorque, o capitão Robert Scott e seus companheiros pereceram na Antártida, e os atletas britânicos sofreram uma derrota humilhante nos Jogos Olímpicos em Estocolmo (LOWERSON, 1993). Incapaz de repetir o padrão alto estabelecido nos jogos de Londres, em 1908, a Grã-Bretanha terminou em terceiro no quadro de medalhas, atrás dos Estados Unidos e da Suécia (país-sede).³ Por se considerar a arena esportiva internacional como um meio para construir, propagar e manter imagens de orgulho nacional, a campanha olímpica da Grã-Bretanha em Estocolmo foi vista como um “conto de um desastre nacional” e “uma propaganda pública da decadência britânica”.⁴ O *Athletic News* mostrou-se igualmente apocalíptico, advertindo que a derrota olímpica chegava a ameaçar a soberania imperial britânica:

Se, uma única vez, as raças dominadas, e mesmo nosso povo na *Grandesíssima Bretanha*, no Canadá e na Austrália, se convencerem de que somos uma nação decadente – então nosso prestígio imaculado se tornará vulnerável... Pode ser que os Jogos Olímpicos sejam uma questão relativamente pequena, mas tais linhas de pensamento começam com eventos deste tipo.⁵

Em uma era de fervor nacionalista e medos históricos em relação à “eficiência nacional”, os líderes esportivos britânicos abraçaram os Jogos Olímpicos seguintes,

³ British Olympic Association, *Official Report of the Olympic Games of 1912 in Stockholm* (London: British Olympic Association, 1912), 12, disponível em Archives, British Olympic Foundation, London, U.K. (a partir daqui BOF Archives).

⁴ “The Olympic Games: Duke of Westminster’s Reply to Mr. Harrison”. *Times* (London), 27 August 1913, p. 3; “British Showing a Scandal”. *New York Times*, 27 July 1912, p. 2.

⁵ “Stray Leaves: The Olympic Appeal”. *Athletic News*, 1 September 1913, p. 4.

programados para Berlim, em 1916, como uma plataforma viável através da qual poderiam restabelecer o prestígio britânico (SEARLE, 1990).

Com os olhos à frente em Berlim – um evento de grande importância, tendo em vista a contínua escalada dos antagonismos Anglo-Germânicos –, a Associação Olímpica Britânica (BOA) organizou uma reunião para examinar “A lição dos Jogos Olímpicos”. Realizada em 1º de agosto de 1912, sob os auspícios do Clube Consultivo dos Atletas e dirigida pelo primeiro presidente da BOA, Lorde Desborough de Taplow, a reunião elaborou resoluções específicas com o objetivo de revolucionar dramaticamente a cultura esportiva amadora da Grã-Bretanha. Ignorando o velho adágio britânico – “esporte pelo esporte” –, os dirigentes esportivos da nação clamaram pela introdução de treinadores profissionais, de centros de treinamento em profusão, e de melhores esquemas de viagem e hospedagem, assim como de um significativo *pool* de fundos para apoiar as entidades organizadoras do esporte amador a desenvolver esquemas para efetivamente encontrar, treinar e preparar futuros campeões olímpicos britânicos (LLEWELLYN, 2008).⁶ Após receber apoio aberto do criador de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle, nas páginas do *The Times*, a BOA ainda propôs a ambiciosa noção de unificar as várias unidades do Império Britânico em uma equipe olímpica conjunta para os jogos de Berlim (JOBLING, 1986).⁷ Os proponentes imaginavam que uma equipe unificada da *Grandessíssima-Bretanha* asseguraria mais medalhas em Berlim, solidificaria as relações das colônias e Domínios⁸ com a pátria-mãe, e reforçaria a identidade imperial. Rufando os tambores imperiais, o *Manchester*

⁶ Minutes, Council, British Olympic Association, 16 August 1912, BOF Archives.

⁷ “The Olympic Games: Sir A. Conan Doyle’s Suggestions”. *Times* (London), 30 July 1912, p. 6.

⁸ O termo se refere aos territórios sob domínio do Império Britânico que contavam com governo próprio e algum nível de autonomia (N.E.).

Guardian previu que “a ideia certamente será bem recebida entre os esportistas do Império”.⁹

As notícias do esquema imperial proposto reverberaram pelas vastas regiões de terra batida do Império Britânico, das cidades cosmopolitas dos Domínios, como Cidade do Cabo, Sydney e Toronto, aos distantes postos avançados imperiais na África Subsaariana, no Caribe e no Sudeste Asiático.¹⁰ O *Bulawayo Chronicle*, da Rodésia, celebrou a proposta, sustentando que “quando se trata de uma competição internacional, disputada com estrangeiros, deveríamos nos unir, tal como em tempos de guerra”.¹¹ O *East African Standard*, do Quênia, concordou, regozijando-se com a possibilidade de “acabar com a absurda secção de nossas forças em partes”.¹² O *South African Star* juntou-se ao coro público imperialista, entoando que “não poderia haver uma lição melhor de unidade do Império que tal time lutando pela vitória sob a mesma bandeira”.¹³ Contudo, nem todos os ramos e galhos da árvore imperial estavam tão entusiasmados. Ciente da arriscada tarefa administrativa de selecionar, organizar e financiar uma equipe transnacional do Império Britânico, o *Sydney Morning Herald*, da Austrália, decretou o esquema “condenado ao fracasso”.¹⁴ O *Observer*, da Grã-Bretanha, adotou um tom igualmente pessimista, citando o fato de que as nações estrangeiras não “concordariam com um arranjo que abrisse as portas da competição para atletas da Europa, Ásia, África, Canadá e Australásia, todos competindo como representantes de uma única equipe nacional”.¹⁵

⁹ “Sport and the Olympic Games”. *Manchester Guardian*, 23 July 1912, p. 16.

¹⁰ “Olympic Lessons: Scheme to Restore British Prestige”. *Straits Times* (Singapore), 28 August 1912, p. 2.

¹¹ “Home Sport: The Olympic Fund”. *Bulawayo Chronicle*, 2 October 1913, p. 9.

¹² “Athletics”. *East African Standard* (Nairobi), 24 August 1912, p. 9.

¹³ “Empire Sport: Future Olympics”. *South African Star* (Johannesburg), 8 August 1912, p. 9.

¹⁴ “Empire Sport: Proposed Combined Team”. *Sydney Morning Herald*, 10 August 1912, p. 15.

¹⁵ “Olympic Games: A Pan Britannic Team,” *Observer* (London), 21 July 1912, p. 14.

O esforço para manter a posição britânica global juntando o Reino Unido e suas possessões coloniais remotas em uma formidável equipe olímpica tinha um precedente político e ideológico: o fracassado duplo objetivo de reforma dos impostos e criação de uma Federação Imperial no final do século XIX e início do século XX. Em uma era em que impérios rivalizavam por territórios, os ideólogos do Império Britânico buscaram garantir o poder e a prosperidade dele no longo prazo, rechaçando o livre comércio em favor de acordos preferenciais de tarifas com suas possessões ultramarinas e estabelecendo um único estado federativo entre todos os territórios. Receosos com a tendência de diminuição do poder cultural, militar e econômico britânico, os líderes imperiais urgiram os Domínios e colônias a reunirem seus recursos, mercados e acuidade política de forma a criar um Estado-Império para alcançar as potências continentais rivais em tamanho e escopo (BELL, 2007; GORMAN, David, 2010). Os clamores pela criação de uma equipe olímpica britânica, assim como a mal-afamada tentativa de reformar os impostos e a formar uma Federação Imperial, pareciam mais uma resposta defensiva para a mudança na balança internacional de poder, que uma exaltação da solidariedade e sentimento imperiais.

Unindo o Império

A ideia de juntar o Império numa equipe olímpica que o representasse nos jogos previstos para Berlim resultou de uma fase gradual de integração imperial iniciada com a competição esportiva Inter-Império realizada em Londres em maio de 1911, como parte do “Festival do Império” para comemorar a coroação de George V.¹⁶ No rescaldo de um duelo atlético feroz entre a Grã-Bretanha e seus Domínios de colonização branca,

¹⁶ “The Festival of Empire: An Imperial Meeting of Sportsmen”. *Times* (London), 24 February 1911, p. 15.

Richard Coombes, o dirigente esportivo amador mais poderoso da Austrália, propôs a ideia de consolidar as ramificações do Império sob uma equipe olímpica unificada para os jogos de 1912, em Estocolmo (MOORE, 1989). Nascido na Inglaterra, Coombes era um defensor de outras empreitadas pan-imperiais, como a “Olimpíada” Pan-Britânica proposta por John Astley Cooper nas páginas do *Referee*, de Sydney:

Este é, certamente, o próprio ideal de Império – as forças da Pátria Mãe e seus filhos, e Colônias, congregando-se nas terras da Grã-Bretanha para concentrar as forças do Império, e então viajando para o campo de batalha de Estocolmo para desafiar, numa guerra amistosa, os melhores atletas do mundo.¹⁷

O *Argus*, de Melbourne, garantiu seu apoio, citando a irracionalidade de “dissipar” a força do Império “dividindo-o em unidades”.¹⁸ Durante uma reunião da União Atlética Amadora do Canadá (AAUC, na sigla em inglês), o presidente James G. Merrick endossou oficialmente a “ideia de uma equipe imperial” de Coombes e instruiu seus funcionários a “tomar as medidas necessárias de forma a cooperar com as outras partes do Império em relação a este tema”.¹⁹

Desde o começo das competições olímpicas modernas, as *Home Nations* (Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales) haviam competido sob a bandeira da Grã-Bretanha (e, posteriormente, Grã-Bretanha e Irlanda), enquanto os Domínios autogovernados, começando pela Austrália, em 1896, receberam cada um o status de independente pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) e entraram como nações com representação própria. Na prática, contudo, as linhas entre a Grã-Bretanha e o Império eram muito mais fluidas que pode parecer à primeira vista. Nos Jogos inaugurais de

¹⁷ “Why Is England So Apathetic in Reciprocating in the Matter of Inter-Empire Visits?”. *Referee* (Sydney), 9 August 1911, p. 1.

¹⁸ Como citado em “Olympic Games in 1912”. *Referee* (Sydney), 27 September 1911, p. 9; “An Empire Team”. *Mercury* (Hobart), 19 July, 1912, p. 5.

¹⁹ Minutes, Third Annual Meeting, Amateur Athletic Union of Canada, 25 November 1911, 10 and 14, Amateur Athletic Union of Canada, Library and Archives Canada, Ottawa.

Atenas, em 1896, o astro da meia-distância Edwin “Teddy” Flack, nascido em Londres, conquistou duas medalhas de ouro para a Austrália nas provas de 800m e 1.500m. Em 1908, o grande Charles Hefferon, de Newbury, competiu pela África do Sul, abocanhando uma medalha de prata na controvertida maratona. Porém, às vezes atletas nascidos na Grã-Bretanha e residentes nos territórios britânicos do ultramar optavam por competir pela velha pátria-mãe. O anglo-indiano Norman Pritchard representou a Grã-Bretanha nos 200m rasos e 200m com barreiras nos jogos de Paris, em 1900 (BUCHANAN, 2000). Na preparação para os Jogos de Estocolmo, Ernie J. Webb, competidor de marcha atlética de renome mundial, também optou por competir pelas cores da Union Jack²⁰ em vez das do Canadá, país onde há muito residia.²¹ A definição solta e aparentemente intercambiável de pertencimento nacional britânico (cidadania) provocava confusão nos quadros do COI. Até Pierre de Coubertin ficou em dúvida se um atleta dos Domínios seria “livre para entrar tanto no time de casa quanto no britânico, como preferisse” (apud NIELSEN, 2010, p. 106-115). Uma carta enviada em 12 de maio de 1933 pelo secretário da BOA, Evan A. Hunter, ao COI, com o objetivo de acabar com a confusão, ainda se estendia, décadas depois: “Com relação a sua carta sobre a qualificação dos atletas dos Domínios representando a Grã-Bretanha (...) o competidor escolhe representar o Domínio em que nasceu ou vive, ou a Grã-Bretanha. Não é possível um homem nascido na África do Sul, Austrália ou Canadá tornar-se um cidadão britânico naturalizado, porque ele já o é.”²²

Mantendo poder de decisão considerável no cenário do movimento olímpico

²⁰ Bandeira do Reino Unido (N.E.).

²¹ Minutes, General Olympic Committee, Amateur Athletic Association, 12 January 1912, AAA/1/2/2/4., University of Birmingham, Edgbaston, Birmingham, U.K.

²² Letter, Evan A. Hunter to Colonel Berdez, 12 May 1933, Grande-Bretagne Correspondence (1928-38), OU MO 01 14 36, International Olympic Committee, Olympic Studies Centre, Lausanne, Switzerland (a partir daqui, IOC Archives).

internacional – a Grã-Bretanha e seus Domínios constituíam cinco do total de 44 membros do COI em 1911 –, a insistência britânica em uma definição ambulante de “britanidade” garantia que o grande esquema imperial de Coombe continuasse viável. Mesmo assim, a despeito da aparente aquiescência do COI e da onda inicial de apoio dos Domínios, o conceito enfrentou feroz oposição. O *Referee* de Sydney, jornal do próprio Coombes, objetou veementemente a ideia, sustentando que “cada um dos quatro países mencionados deve ser forte o suficiente do ponto de vista atlético para enviar sua própria equipe”.²³ O *Athletic News* tomou posição parecida: “Se entre os milhões de pessoas deste país não há bons atletas suficientes, então vamos assumir este triste fato (...). Detesto essa palavra “imperial” em alguns sentidos. Penso que é quase um sinônimo de covardia”²⁴ Com os jogos de Estocolmo se aproximando com rapidez e a arrecadação de fundos da BOA preocupantemente baixa, os britânicos foram obrigados a abandonar suas ambições imperiais. Em uma reunião da BOA em 18 de julho de 1911, membros do conselho concordaram que, embora a ideia fosse “muito interessante e atrativa (...), era tarde demais para tomar medidas para levá-la a cabo na presente Olimpíada”.²⁵ Até a proposta menos ambiciosa de enviar atletas dos Domínios para treinar nas ilhas britânicas antes de viajarem coletivamente para os jogos de Estocolmo, formulada pelo presidente da AAUC, James Merrick, não se materializou devido à drástica falta de fundos à disposição da BOA (LLEWELLYN, 2010a).²⁶

Planos para integrar o Império em linhas oficiais e competitivas ressurgiram após a fraca apresentação britânica na capital sueca. Alcançando apenas dez medalhas de ouro – um total magro à luz das impressionantes 56 medalhas de ouro ganhas pelos

²³ “British Empire Team for the Olympic Games”. *Referee* (Sydney), 9 August 1911, p. 9.

²⁴ “The Parrott Cry of ‘Empire’”. *Athletic News* (Manchester), 14 August 1911, p. 2.

²⁵ Minutes, Council, British Olympic Association, 18 July 1911, BOF Archives.

²⁶ Minutes, General Olympic Committee, Amateur Athletic Association, 2 November 1911, AAA/1/2/2/4.

atletas britânicos em Londres –, o chefe da BOA, Lorde Desborough, recebeu calorosamente a ideia de reviver a proposta imperial de Richard Coombes para os jogos de 1916, em Berlim.²⁷ A evolução de competidores fortes, como Estados Unidos, Alemanha e as nações escandinavas Suécia e Finlândia, que desafiavam a supremacia esportiva histórica da Grã-Bretanha (tanto percebida quanto real) na arena olímpica convenceram Lorde Desborough e seus colegas da BOA de que mudanças radicais se impunham.²⁸ O sucesso impressionante dos EUA, arquétipo de nação esportiva “federativa”, combinado com os grandes esforços feitos pelos rivais imperiais da Grã-Bretanha de unificar seus territórios remotos (Rússia e Finlândia; Austro-Húngaro e Boêmia; Alemanha e Bavária) em uma união esportiva, fizeram o conceito de uma equipe consolidada do Império Britânico parecer ainda mais atrativo.²⁹ *The Times* concordou, racionalizando que, uma vez que os Estados Unidos “selecionam atletas de uma população de mais de 90 milhões, e reúnem um total de vitórias para o qual contribuem pretos, índios vermelhos e havaianos”, temos que entrar como um “Império Unido, e vamos fazer nosso melhor, como esportistas, para vencer”.³⁰ Combinando os pontos ganhos pela “Grã-Bretanha” e pelo “Resto do Império” em Estocolmo, a BOA reconheceu que uma equipe olímpica teria diminuído consideravelmente a margem de vantagem dos EUA e da Suécia.³¹

A defesa de uma equipe do Império Britânico para os jogos de Berlim representou parte de uma resposta mais ampla à ruptura na autoconfiança eduardiana.

²⁷ “Britain and the Olympic Games: The Need for an Empire Team”. *Times* (London), 2 August 1912, p. 4.

²⁸ British Olympic Association, *Aims and Objects of the Olympic Games Fund* (London: British Olympic Association, 1913), 14, in BOF Archives.

²⁹ Para uma discussão sobre os esforços russo e austro-húngaro para legitimar seus impérios esportivos no âmbito do COI, ver Kolár e Kössl (1996).

³⁰ “The British Empire and the Olympic Games”. *Times* (London), 19 July 1912, p. 7.

³¹ BOA, *Official Report*. Uma equipe representando o Império Britânico teria marcado 178,3 pontos, comparados com os 111 pontos obtidos pela Grã-Bretanha.

Durante o final do século XIX e início do XX, temores amplamente disseminados de que o poder britânico se erodia fizeram brotar perigosas teorias sub-darwinistas de suicídio racial. Em um clima acalorado de inquietação racial, comentaristas culturais diagnosticaram os “sintomas da decadência nacional”, colocando a culpa do mal-estar físico da Grã-Bretanha na industrialização, na urbanização massiva e nos estilos de vida crescentemente sedentários.³² O medo disseminado de degeneração urbana – promulgado de forma apaixonada por John R. Seeley (1971) em seu best seller *Expansion of England* (1883) – levou os britânicos a olhar com cobiça para os Domínios de colonos (Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e as províncias de pradarias do Canadá) como uma alternativa pastoril e áspera à afeminação da vida industrial britânica (SEARLE, 1990). As performances esportivas impressionantes do período pós-Guerra dos Bôeres protagonizadas pelos *tours* de jogadores de críquete australianos e times de rugby da Nova Zelândia e Austrália apenas serviram para solidificar as qualidades masculinas atribuídas aos sujeitos “brancos” britânicos no exterior (NAURIGHT, 1996). No discurso carregado de darwinismo da era eduardiana, os dirigentes olímpicos britânicos naturalmente se voltavam para os esportistas *duros e viris* dos Domínios para salvar a reputação britânica da desonra. As 21 medalhas coletivas, incluindo nove ouros, conquistadas pelos esportistas australásios, canadenses e sul-africanos em Estocolmo convenceram a BOA de que um Império forte, vibrante e unificado se apresentava como a melhor solução para a crise de confiança na supremacia esportiva (e nacional) britânica.

Curiosamente, as matérias da imprensa dos EUA anunciaram que os britânicos olhavam muito além dos Domínios “brancos” autogovernados, até os lugares mais

³² “Sport and Decadence”. *Quarterly Review*, n. 211, 1909, p. 486-502; George F. Shee, “The Deterioration in the National Physique”. *Nineteenth Century*, n. 53, 1903, p. 802.

distantes de seu Império “escuro”, em busca de futuros campeões olímpicos. Em retaliação pelos anos de críticas britânicas dirigidas aos EUA por convocarem afro-americanos, ilhéus do Pacífico e “mercenários imigrantes” estrangeiros, o humorista irlandês-americano Peter Finley Dunne pintou a equipe olímpica em Berlim sendo formada por atletas fictícios como “wong Ching Foo iv Hong Kong, Bahadoor Boo iv Madhras, Wapachoo iv Zoolooland, Sambo Sam iv British East Africa e Achnut Bat iv Egypt”.³³

Formando a equipe “britânica”

Nos anos anteriores ao início da Grande Guerra, o Império Britânico abarcava 12 milhões de milhas. Espalhado pelo globo, esse vasto conjunto transoceânico de domínios, colônias, mandatos, protetorados e outros territórios compreendia uma população de mais de 430 milhões de pessoas, das quais o Reino Unido e os Domínios brancos com governo próprio somavam meros 70 milhões (MCDEVITT, 2008, p. 66). Estimulado por uma reserva abundante de capital humano, os britânicos gozavam o privilégio de poder chamar seus “súditos” a colaborar em meio a uma grave crise imperial – como a Grande Guerra logo fatidicamente mostraria. A derrota humilhante da Grã-Bretanha nos Jogos de Estocolmo (1912) pareceu – como alguns comentaristas da época pontificaram – exigir a mobilização integral de súditos imperiais de *todos* os cantos do Império Britânico. Sir Arthur Conan Doyle, um franco propagandista da masculinidade imperial, clamou pelo estabelecimento de uma equipe olímpica verdadeiramente representativa do Império Britânico, incluindo habitantes “exóticos” de colônias tão distantes como o Caribe, Egito, Quênia, Cingapura e o Subcontinente

³³ Peter Finley Dunne. “Dooley on Supremacy of the English in Athletics”. *New York Times*, 28 July 1912, sec. S, p. 9.

Indiano: “Vamos ver se, entre nadadores cingaleses e malásios, corredores indianos e lutadores siques, não conseguimos encontrar vencedores nas raças de cor do Império Britânico”, exortou Doyle.³⁴ Apontando a presença de um crescente rosário de lutadores e jogadores de críquete, tênis e polo de nível internacional nascidos na África e na Índia, o *East African Standard*, do Quênia, ecoou a mensagem de Doyle, entusiasmando-se ao dizer que “seria muito melhor ter uma equipe do Império e o quanto antes isto ocorrer, melhor”.³⁵

Por trás da onda de sentimento imperial, os britânicos se recusavam a estender o convite a todos os seus apêndices ultramarinos. Como todas as potências imperiais pós-Iluminismo, o Império Britânico fora fundado – em parte com evangelismo e utilitarismo – sobre uma estrutura etnocêntrica, hierarquizada e rígida; um imperialismo racista ocultado pelas virtudes iluminadas e cavalheirescas do progresso e da liberdade.³⁶ Determinados a preservar o mito da superioridade – física e racial – anglossaxônica, assim como a elaborada hierarquia imperial baseada em gradações raciais que o sustentava, os britânicos desejavam competir lado a lado apenas com seus Domínios “brancos”. A visão de um *senhor* imperial competindo em termos de igualdade ao lado de seu *súdito* da colônia dentro do Estádio Olímpico de Berlim abalaria as noções estabelecidas de ordem racial e social, ecoando da metrópole para a periferia colonial e ameaçando o empreendimento colonial como um todo. Como a ordem oficial impedindo que o controvertido boxeador afro-americano campeão dos pesos pesados Jack Johnson lutasse nas Ilhas Britânicas nos anos pré-guerra comprova, as autoridades britânicas frequentemente barravam a disputa (e mesmo a cooperação)

³⁴ Arthur Conan Doyle. “Sport and the Olympic Games”. *Manchester Guardian*, 23 July 1912, p. 16.

³⁵ “British Sport: Athletics”. *East African Standard* (Nairobi), 19 July 1913, p. 33; “The Spread of Athletics”. *East African Standard* (Nairobi), 7 December 1912, p. 22.

³⁶ Há uma crescente historiografia do Império Britânico. Para alguns exemplos contemporâneos, ver Brendon (2008), James (1997) e Ferguson (2004).

esportiva inter-racial, de forma a proteger o “corpo branco metafórico” de possíveis danos e humilhações (MCDEVITT, 2008, p. 66). Houve poucas exceções abertas a esta regra. A vitoriosa carreira internacional do príncipe indiano K. S. Ranjitsinhji (Marajá Jam Sahib de Nawanager), que representou a Inglaterra no críquete entre 1896 e 1902, sustenta a teoria do historiador David Cannadine (2001) de que classe e *status* social eram tão importantes quanto raça no Império Britânico.

Contemporâneos como Kenneth Powell, um representante britânico nos 110m com barreiras em Londres e Estocolmo, correram para defender a implementação de um limite de cor para Berlim, sustentando que “a maioria das nações se opõe a competir em termos de igualdade contra nativos”.³⁷ A convocação anterior de Tom Longboat e Fred Simpson (membros dos povos originários) pelo Canadá, a mistura multirracial dos EUA, com o havaiano Duke Kahanamoku, os nativos americanos Jim Thorpe e Lewis Tewanima, e os afro-americanos John B. Taylor e Howard Drew, assim como a seleção francesa do entreguerras do medalhista de ouro da maratona, Boughera El Ouafi, nascido na Argélia, sugeriam que o medo britânico tinha pouco fundamento. Evidentemente, a definição estreita de quem poderia representar o Império Britânico em Berlim era predicada com base em teorias e tipologias de raça vitorianas e eduardianas. Embora houvesse variadas posturas quanto a raça entre os britânicos, crenças no determinismo biológico, na anatomia comparativa, na evolução darwinista e na eugenia casavam – às vezes de forma contraditória – com a crença de que as raças tinham origens separadas e características desiguais, distintas e determinadas biologicamente. Estimulado pela profissionalização da antropologia e pela popularização de imagens científicas por meio do crescimento das exposições culturais e dos modernos meios de

³⁷ “Olympic Games: A Pan Britannic Team”. *Observer* (London), 21 July 1912, p. 14.

comunicação de massa, ocorridos no final do século XIX e início do XX, um ranking de raças explícito baseado em critérios de cor emergiu, com os anglossaxões colocados no topo da escala e os povos indígenas e não-brancos no final (BEASLEY, 2010; LORIMER, 1978, 1996). Por meio desta lente racialista, faltavam a bengaleses, cingaleses, fijianos, gurkhas, hindus, jamaicanos, maoris, malásios, panjabis e zulus os atributos sociais e psicológicos necessários para *jogar o jogo*. Em uma entrevista para *Sporting Life*, Sir Arthur Conan Doyle quase admitiu a derrota, notando sombriamente: “O máximo que podemos esperar é que um ou dois corredores ou mergulhadores sejam bons o suficiente”.³⁸

A exclusão de sportistas (homens e mulheres) das dependências coloniais britânicas lançou luz sobre as noções predominantes de cidadania e identidade britânicas. No nível constitucional, a situação nacional (cidadania) britânica era dada a qualquer indivíduo nascido em qualquer território sob a coroa, sem distinção de raça ou etnia (MCCLELLAND e ROSE, 2006; DUMMETT e NICOL, 1990). Na linguagem do darwinismo social, que revela racismo antropológico e biológico, nem todos os súditos sob a bandeira britânica tinham direitos e responsabilidades iguais. Embora a Índia e as dependências “escuras” fossem anunciadas como possessões imperiais importantes do ponto de vista econômico, militar e estratégico, no imaginário britânico elas permaneciam fundamentalmente *estrangeiras* (SAID, 1978; COLLEY, 1994; HALL, 2002). A “britanidade” era na verdade um espaço político anglo-saxão, uma comunidade racial diaspórica moldada por normas, valores e “raça” e reforçada através de encontros com o exótico “outro” imperial.³⁹ A posse de um império transoceânico bastante fragmentado, com uma população colonizada predominantemente não-branca,

³⁸ “Olympic Games: Sir Arthur Conan Doyle’s Views”. *Sporting Life*, 12 August 1912, p. 8.

³⁹ Para uma discussão sobre a construção do “outro” na historiografia britânica, ver Colley (1992). Para uma conceituação similar de cidadania e pertencimento, ver Cooper (2005).

não-cristã e não falante do inglês, encorajava os “britânicos” a enxergarem a si mesmos como um povo distinto e superior; a aprovação, em 1913, da “Lei de Terras dos Nativos”, na África do Sul, um estatuto discriminatório desenhado para promover a segregação racial através da limitação da propriedade de terra e bens por negros, confirmava na marra essa postura. No âmbito esportivo, a Grã-Bretanha reforçava essa visão homogênea e estreita de cidadania britânica ao virtualmente excluir suas possessões não-brancas das competições internacionais. As reivindicações de John Astley Cooper pela criação de um festival “Olímpico” Pan-Britânico de cultura, indústria e esporte, excluía os não-anglo-saxões (MOORE, 1998).⁴⁰ No críquete, a Grã-Bretanha adotava uma postura semelhante – provinciana e etnocêntrica – ao querer jogar apenas contra seus Domínios brancos: as Índias Ocidentais e a Índia não puderam disputar séries de jogos até 1928 e 1932, respectivamente (WILLIAMS, 1999).

A postura geral da Associação Olímpica Britânica face às possessões não-brancas no âmbito mais amplo do movimento olímpico internacional se mostrou sintomática deste racismo que subordina e exclui – uma pesquisa extensa nas minutas e correspondência da BOA nas primeiras décadas do século XX revela que a Grã-Bretanha não promoveu a participação olímpica de qualquer de suas dependências coloniais (LLEWELLYN, 2011a). Educados no sistema inglês de escolas públicas, fortemente imperialista, o grupo de homens aristocráticos e de classe média-alta que tocava e controlava a BOA, como o primeiro secretário de Honra e ex-funcionário público na Índia, reverendo Robert. S. De Courcy Laffan, dificilmente poderiam alegar ignorância imperial – nos moldes do provocativo retrato dos britânicos eduardianos e

⁴⁰ John Astley Cooper. “An Anglo-Saxon Olympiad”. *The Nineteenth Century*, n. 32, 1892, p. 380-388.

vitorianos realizado por Bernard Porter (2004), como “imperialistas distraídos”.⁴¹ A BOA, seguindo uma diretriz do Ministério das Colônias, demonstrou sua postura de não apoio ao recusar uma solicitação da Nigéria de subsídios financeiros e representação própria para competir nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles.⁴² Sem o apoio franco e organizacional – fosse como consequência de racismo, indiferença, excesso de afazeres administrativos, ou mesmo uma consciência da compreensão rudimentar do esporte competitivo nas colônias –, as dependências coloniais britânicas não entraram na luta olímpica até a escalada e o eventual desfecho da Segunda Guerra Mundial (MAJUMDAR, 2009).

A postura de não-apoio da BOA contrastou claramente com suas tentativas determinadas e vitoriosas de obter representações separadas para os Domínios coloniais “brancos”: Australásia (Austrália e Nova Zelândia), Canadá e a incipiente União da África do Sul (WEBSTER, 1914, p. 204-205). Entre 1907 e 1914, a BOA supervisionou a fundação de Comitês Olímpicos Nacionais (NOCs, na sigla em inglês) no Canadá e na África do Sul e também organizou a indicação de representantes dos Domínios no COI. No caso do Canadá, a BOA solicitou pessoalmente ao Governador-Geral canadense, Earl Grey, que exercesse sua influência para fundar um NOC e montar uma equipe olímpica para os Jogos de Londres (1908). Grey passou a responsabilidade a seu secretário, John Hanbury-Williams, que, logo depois, fundou o Comitê Olímpico Canadense e garantiu que um esquadrão de 87 homens competisse em Londres, naquela que foi a primeira equipe organizada na história da nação (BARNEY, SCOTT e

⁴¹ Sobre o tom imperialista do sistema britânico de escolas públicas eduardiano e vitoriano, ver Mangan (1998). Para uma excelente biografia do reverendo Courcy Laffan, ver Bailey (1997).

⁴² Ben. N. Azikiwe to the Secretary of State for the Colonies, 4 April 1932, CO 583/184/5, C463456, Colonial Office, Nigeria Original Correspondence, National Archives, Kew, Richmond, Surrey, U.K.

MOORE, 1999).⁴³ A BOA ainda contribuiu para que Hanbury-Williams fosse apontado, em 1911, o primeiro membro canadense do COI.⁴⁴ Similarmente, no caso da África do Sul, a BOA angariou apoio do Honorável L.S. Jameson, o primeiro ministro da Colônia do Cabo, para fundar o “Comitê Olímpico Geral da África do Sul” em 3 de janeiro de 1908 (VAN DER MERWE, 1991).⁴⁵ Dirigentes da BOA posteriormente escolheram a dedo Sidney Farrar, nascido na Grã-Bretanha e proeminente financista e magnata da mineração de ouro, para membro do COI em 1913.⁴⁶ Sob a liderança do neozelandês Leonard Alfred Cuff e do residente de Sydney (nascido na Inglaterra), Richard Coombes, a Australásia já havia estabelecido uma relação longa e íntima com o movimento olímpico internacional nos âmbitos esportivo e administrativo. Através de um *lobby* agressivo, a BOA assegurou uma contínua independência antípoda às vistas do COI, permitindo que Austrália e Nova Zelândia enviassem equipes conjuntas da Australásia para competir em Londres e Estocolmo (GORDON, 1994).

A equipe pan-britânica proposta para os jogos vindouros de Berlim (1916) minou os esforços históricos britânicos de estimular a independência dos Domínios no escopo do movimento olímpico internacional. Para obter aprovação oficial para a participação de uma equipe unificada do Império Britânico em futuros ciclos de competição olímpica, os dirigentes dos Domínios precisariam renunciar a seus assentos no COI e se submeter, de boa vontade, à tutela britânica desde Londres. Tais atos ajudariam a Grã-Bretanha e seus aliados imperiais na tentativa de persuadir o COI a concordar com a nova combinação de nações, enquanto simultaneamente mitigariam o

⁴³ Minutes, Council, British Olympic Association, 6 June 1907, BOF Archives.

⁴⁴ Como citado em Reverend Robert S. de Courcy Laffan to Pierre de Coubertin, 18 April 1911, MBRCOURCY-CORR, 0056930 (1902-1929), IOC Archives.

⁴⁵ Minutes, Council, British Olympic Association, 24 April 1907, BOF Archives.

⁴⁶ Letter, Reverend Robert S. de Courcy Laffan to Pierre de Coubertin, 28 April 1914, MBRCOURCY-CORR, 0056930 (1902-1929), IOC Archives.

coro de condenações internacionais, cujo cerne estava do outro lado do Atlântico. A *Pall Mall Gazette* mostrou-se entusiasmado com a possibilidade de uma entrada britânica única em Berlim, sustentando que “não há nada mais forte que o hábito por trás dos acordos que introduzem um time como inglês, outro como canadense, e um terceiro como australiano, e um quarto como sul-africano.”⁴⁷ O *Sporting Life* concordou, disparando que os esportistas dos Domínios “estavam, de fato, ansiosos para lutar pela bandeira da Grã-Bretanha, e essa é a bandeira que tremulou alto por toda Estocolmo (idib.).”

Uma Aliança Pan-Britânica?

A ideia de unificar o Império “branco” para os jogos de Berlim em 1916 poderia minar as relações dos Domínios com a velha pátria mãe, especialmente se os australianos, canadenses, neozelandeses e sul-africanos, se ofendessem ao serem escolhidos para o lado “britânico”. Embora, como observado no fim do século XIX e início do XX, o desenvolvimento nas viagens e comunicações transoceânicas e intercontinentais tenha aproximado o vasto espaço geográfico entre a Grã-Bretanha e seus territórios remotos de colonização, o uso do adjetivo “britânico” para descrever os Domínios era contraposto por uma onda crescente de nacionalismo não-britânico (BELL, 2007). Os laços culturais, econômicos, constitucionais e legais com a pátria-mãe permaneciam fortes, reforçados por contatos esportivos intensos no atletismo, rugby e críquete e por uma vasta literatura que incluía periódicos esportivos e livros de aventura para o público masculino (HOLT, 1989, p. 203-279).⁴⁸ Durante o primeiro

⁴⁷ Citado em “British Empire Team: Patriotism of Colonials at Stockholm”. *Sporting Life*, 19 July 1912, p. 8.

⁴⁸ Para um aprofundamento da discussão sobre como uma cultura esportiva ligava a metrópole imperial à periferia colonial, ver C.L.R. James (1963).

quarto do século XX, os Domínios, encorajados pelo autogoverno e com uma confiança política e econômica crescente, demandaram um maior grau de autonomia em relação à Coroa britânica – o Canadá confederou-se em 1867, a Austrália tornou-se uma federação em 1900, a Nova Zelândia foi declarada um Domínio em 1907 e a União da África do Sul foi criada em 1910. Essas novas nações estatutárias permaneceram esmagadoramente britânicas em suas aspirações sociais e culturais, mas construíram e propagaram ativamente identidades nacionais independentes e próprias, as quais eram complementares – ainda que, em última instância, distintas – em relação à metrópole. As vastas populações que habitavam os Domínios, políglotas e multiétnicas – como aborígenes e maoris na Australásia; zulus, *xhosas* e africânderes na África do Sul; e povos originais, inuítes e franceses no Canadá –, contribuíram para a emergência de uma identidade nacional em disputa. O nacionalismo dos Domínios inevitavelmente divergia do patriotismo imperial (BRENDON, 2008).

Os Domínios britânicos com colonos brancos cultivaram e solidificaram uma identidade nacional independente por meio da participação no esporte internacional. Desde o estabelecimento de calendários de competições esportivas internacionais, no final do século XIX, os Domínios britânicos começaram a participar como nações representadas individualmente. A prática de jogos “britânicos” como rugby e críquete por povos “britânicos” tanto em casa quanto no estrangeiro certamente estimulou o sentimento imperial e fortaleceu uma cultura legalista. Paradoxalmente, o esporte internacional também ofereceu aos Domínios uma plataforma sem precedentes para a propaganda cultural, uma avenida para reafirmar e festejar suas próprias identidades nacionais. Vitórias em competições de alto nível de críquete e rugby, particularmente sobre a velha pátria-mãe, reafirmavam a superioridade nacional e solidificavam a

independência dos Domínios da órbita do mando britânico. Hinos nacionais, símbolos, cores e bandeiras ajudaram a definir melhor a identidade própria de cada país. Como o historiador John Nauright (1996) mostrou, os notáveis vitórias de equipes de rugby da África do Sul e da Nova Zelândia em excursões às Ilhas Britânicas antes da Grande Guerra “foram úteis no processo de afirmação das identidades nacionais” e para provar que os “homens destes países ‘novos’ (...) eram tão bons quanto os de outras terras, ou até superiores” (p. 134).

Sem disposição de manter a relação subserviente imperial, o *Sydney Morning Herald* expressou seu desejo por representação olímpica separada e contínua: “À parte todas as questões de lealdade ao Império, existe um patriotismo local mais estreito face à Austrália”. Os Jogos Olímpicos eram “uma enorme propaganda para este continente”, assegurava o diário popular.⁴⁹ Em entrevista publicada no *South African Star*, K.B. Keartland, preparador físico chefe da equipe sul-africana em Estocolmo, parecia desacreditar ainda mais o esquema imperial proposto. Apontando o crescente valor nacionalista da competição olímpica, Keartland celebrou a “publicidade” que a África do Sul, uma nação unificada recentemente pela reunião das repúblicas africânderes do Transval e do Estado Livre de Orange com as duas colônias britânicas da costa, Cabo e Natal, “obteve com suas vitórias”. Para uma nação ainda bastante dividida do ponto de vista racial, e atrapalhada por uma economia titubeante, Keartland se entusiasmava com a ideia de que as vitórias olímpicas “havam dado à África do Sul a reputação de um país de obstinados”.⁵⁰ Durante uma reunião da União Atlética Amadora Canadense, em 23 de novembro de 1912, o presidente James G. Merrick, um dos pais fundadores do

⁴⁹ “Empire Sport: Proposed Combined Team”. *Sydney Morning Herald*, 10 August 1912, p. 15. Como Charles Little e Richard Cashman (2001) observam, “É de certa forma irônico que, no mesmo momento em que a Austrália rejeitava a proposta imperial porque comprometia sua própria identidade, ainda competisse sob a bandeira extranacional da Australásia” (p. 92).

⁵⁰ Citado em “Americans in Amateur Athletics”. *Referee* (Sydney), 24 December 1912, p. 9.

esquema pan-britânico, confirmou que o nacionalismo dos Domínios se mantinha um impeditivo incontornável. Merrick admitiu: “Há um sentimento fortíssimo de apoio à identidade nacional” nos Domínios e, como resultado, “seria difícil provar que ele poderia ser mantido por meio da associação dos atletas em uma equipe do Império”.⁵¹ Os Domínios evidentemente não estavam passivos, monolíticos e inertes, mas construía e propagavam de forma vibrante, heterogênea e ativa suas próprias identidades nacionais (GORMAN, David, 2010).

Escrevendo nas páginas do *Referee*, de Sydney, Richard Coombes, principal apóstolo olímpico da Austrália e membro fundador do COI, descartou enfaticamente as alegações dos Domínios “de que a reunião das várias colônias do Reino Unido (...) envolva uma perda de individualidade e prestígio”. Coombes citava o exemplo das *Home Nations*, insistindo que “se Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales não admitem perder sua identidade ao serem designadas como Reino Unido, por que Canadá, Austrália, Nova Zelândia ou África do Sul iriam perder suas identidades?”⁵² Uma olhada rápida nas primeiras décadas do século XX, contudo, revela que a prevalência e persistência de identidades nacionais conflitantes, estimulada por religiões, instituições, línguas, ideias e tradições que competiam entre si, há muito obstruíam os esforços da BOA para unificar as *Home Nations* sob as cores da *Union Jack* (COLLEY, 1994; HECHTER, 1999; ROBBINS, 1998). Diferentemente de seus rivais estrangeiros, como os Estados Unidos, que efetivamente uniram uma população multifacetada sob um nacionalismo esportivo estadunidense abrangente e convincente, as *Home Nations* – particularmente a franja celta da Irlanda, Escócia e País de Gales – agarraram-se com

⁵¹ Minutes, Third Annual Meeting, Amateur Athletic Union of Canada, 23 November 1912, 8-9, Amateur Athletic Union of Canada fonds, M3209, Library and Archives Canada.

⁵² “A British Empire Team: What it Means—The Scheme Outlined”. *Referee* (Sydney), 21 August 1912, p. 1. Ver também “The Sixth Olympiad: Proposed British Team”. *Referee* (Sydney), 14 August 1912, p. 1.

tenacidade a suas próprias e distintas identidades (DYRESON, 1998; LLEWELLYN, 2010b).

Tendo como pano de fundo um intenso renascimento nacional celta nos âmbitos político, literário e cultural, como enfaticamente demonstrado na longa e amarga luta irlandesa pela autonomia, o atleta irlandês Peter O'Connor escalou sensacionalmente o mastro para retirar a Union Jack que fora içada em reconhecimento de seu primeiro lugar no salto em distância nos Jogos Intercalados de 1906, realizados em Atenas. Membro insatisfeito da equipe britânica, um apaixonado O'Connor desfraldou uma grande bandeira verde da Irlanda, bordada com as palavras *Erin Go Brágh* (Para sempre Irlanda), o popular lema do movimento pela autonomia da Irlanda, e permaneceu no topo do mastro por um tempo considerável, balançando-a com vigor. A veemente oposição irlandesa a uma união esportiva britânica permaneceu firme até a conquista da autonomia e o reconhecimento oficial de um *status* independente pelo COI, no pós-Grande Guerra (GUINEY, 1996; MCCARTHY, 2010). Tensões anglo-célticas mais amplas também subiram de tom nos anos anteriores aos Jogos Olímpicos de Londres, em 1908. Irritada com a composição anglocêntrica do Conselho da BOA – todos os 23 membros eram ingleses – dirigentes esportivos irlandeses, escoceses e galeses ameaçaram retirar todo o apoio celta aos Jogos de Londres, a menos que a BOA garantisse representação para as entidades esportivas não-inglesas. Somente uma desesperada e conciliadora mudança de política salvou os Jogos de Londres de se tornarem uma Olimpíada estritamente “inglesa” (LLEWELLYN, 2011b).

As tentativas frustradas da BOA de promover um maior senso compartilhado de britanidade entre as *Home Nations* ilustra o desafio aparentemente intransponível que os líderes do Império Britânico enfrentavam em sua busca de misturar identidades inglesa,

irlandesa, galesa, australiana, canadense, neozelandeza e sul-africana sob a designação “britânicos”. Os significados ambíguos, sobrepostos e controversos de “britanidade” se tornam mais evidentes ao se examinar as dificuldades que os dirigentes antípodas experimentaram em seus esforços preliminares para organizar uma equipe unificada da Australásia para os jogos de 1916, em Berlim. Equipes conjuntas da Austrália e Nova Zelândia competiram, com relativo sucesso, nas duas edições anteriores de espetáculos olímpicos em Londres (1908) e Estocolmo (1912). Estimulada pela emergência de um variedade autoevidente de “consciência nacional” neozelandesa, como ilustrado pela fundação, em 1911, do Conselho Olímpico da Nova Zelândia, a primeira oposição séria à continuidade da parceria australasiática emergiu antes dos jogos de Estocolmo. As tensões se elevaram ainda mais no período que antecedeu Berlim (LITTLE e CASHMAN, 2001, p. 81-96). Frustrado pelo fato de que a “Austrália ficou com todo o crédito e publicidade pela apresentação da Nova Zelândia em encontros internacionais”, o *Evening Post*, de Wellington, anunciou planos oficiais para a separação da Austrália e a solicitação de representação própria no COI.⁵³ Dirigentes da Nova Zelândia expressaram o que só descartariam os planos de separação se os australianos concordassem em adotar a descrição geográfica mais precisa: “Austrália e Nova Zelândia”.⁵⁴

Um esforço imperial

Na prática, a grande complicação logística de selecionar, organizar e financiar uma equipe imperial de atletas “britânicos” preocupou muito mais os chefes olímpicos

⁵³ “Olympic Council: Separate Representation for New Zealand”. *Evening Post* (Wellington), 19 September 1913, p. 4.

⁵⁴ “Amateur Athletics: Report of Olympic Council”. *Evening Post* (Wellington), 22 November 1913, p. 15.

da Grã-Bretanha do que as ávidas forças do nacionalismo celta e dos Domínios. Como os líderes do malogrado movimento da Federação Imperial podiam atestar, as tentativas de estabelecer uma união esportiva (ou política) britânica transcontinental recebeu tanto apoio como opróbrio.⁵⁵ Críticos questionaram como o esquema olímpico imperial seria governado: “A partir de que critério a representação será calculada? O Reino Unido terá maior peso? Os procedimentos para montar a equipe unificada ficarão nas mãos do conselho [de cada Domínio] ou caberão somente aos dirigentes britânicos?”, interrogava o *Sydney Morning Herald*.⁵⁶ Com a vitória em Berlim guiando a imaginação britânica, os críticos também questionaram a lógica de reduzir o total de representantes da Grã-Bretanha e dos Domínios por meio da criação de uma equipe homogênea do Império. Em ciclos olímpicos prévios, a Grã-Bretanha e seus Domínios brancos tinham direito, como entidades separadas, a selecionar até 12 atletas por prova olímpica. A unificação de atletas britânicos, australasiáticos, canadenses e sul-africanos iria, portanto, reduzir de forma significativa o número de participações imperiais em cada prova nos jogos de Berlim (1916), de 48 para apenas 12. “Seria (...) um grande erro reduzir para um quarto a força do Império Britânico, mesmo que este quarto representasse os melhores”, objetou James G. Merrick, presidente da AAUC.⁵⁷

No início de 1913, a BOA e seu aliado imperial mais apaixonado, o membro do COI pela Austrália, Richard Coombes, ainda não haviam conseguido rascunhar diretrizes definitivas para levar o esquema adiante. Face a uma crescente onda de oposição midiática e pública, o sucesso da proposta do Império agora dependia do apelo nacional da BOA para arrecadação de fundos para Berlim. Liderado pelo recém-criado

⁵⁵ “Olympic Games: A Pan Britannic Team”. *Observer* (London), 21 July 1912, p. 14; “Olympic Games: The Suggested Empire Team”. *Sporting Life*, 29 July 1913, p. 4.

⁵⁶ “Empire Olympic Team”. *Sydney Morning Herald*, 30 October 1912, p. 11.

⁵⁷ Minutes, Third Annual Meeting, Amateur Athletic Union of Canada, 23 November 1912, 8-9, Amateur Athletic Union of Canada fonds, M3209, Library and Archives Canada.

“Comitê Especial para os Próximos Jogos de Berlim 1916” – que reunia figuras públicas eminentes como Sir Arthur Conan Doyle –, a BOA lançou um surpreendente apelo por 100.000 libras esterlinas (aproximadamente 7,5 milhões de libras esterlinas, em valores atuais) em subscrições públicas, de forma a assumir os custos de uma política ambiciosa de reforma olímpica, que incluía a introdução de treinadores profissionais, instalações de ponta para treinamento e a criação de um esquadrão da *Grandessíssima Bretanha* (LLEWELLYN, 2010c, p. 730-750). As tentativas da BOA de retomar a glória esportiva britânica revelavam um discurso altamente polarizado no âmbito da história do movimento olímpico da Grã-Bretanha. A defesa de uma crescente especialização do esporte britânico, assim como a criação de uma equipe imperial unificada, enfrentaram forte oposição de um amplo setor da sociedade britânica que se opunha ao movimento olímpico e temia que as mudanças levassem à erosão das tradições da cultura esportiva amadora do país. O parlamentar liberal Rudolph C. Lehmann, falando em uma entrevista publicada no *Observer*, reclamou que os esquemas olímpicos propostos ao público “significam especialização”. Lehmann, que fora secretário da Associação Amadora de Remo e um era um paladino barulhento do evangelho do amadorismo “puro”, insistiu: “Os Jogos Olímpicos e a questão de uma equipe do Império fariam o trabalho ficar em segundo lugar em relação ao esporte, um estado de coisas que é verdadeiramente deplorável”.⁵⁸ Enfrentando ampla oposição, o apelo da BOA à subscrição pública mostrou-se um fracasso retumbante. Tendo arrecadado apenas 5.393 libras esterlinas, a chamada britânica ficou muito aquém do objetivo original de 100.000 (LLEWELLYN, 2010c, p. 740).

⁵⁸ “Olympic Games: Should England Retire?”. *Observer* (London), 4 August 1912, p. 7.

O fracasso do apelo nacional da BOA por recursos jogou a pá de cal sobre a ideia de unir a Grã-Bretanha e seus Domínios em uma única equipe olímpica para os jogos de Berlim. Numa reunião do Conselho da BOA em 25 de abril de 1913, os membros admitiram a derrota, votando unanimemente pelo abandono da ideia. Os membros da BOA citaram a indiferença em relação ao projeto nos Domínios, dificuldades organizacionais intransponíveis, bem como a impossibilidade de converter rivais estrangeiros à perspectiva de uma nova combinação de nações.⁵⁹ O fracasso do grande projeto imperial da BOA, como os planos britânicos concomitantes de reforma dos impostos e o estabelecimento de uma Federação Imperial, revelavam a crescente independência política dos Domínios e seu desejo de representação nacional própria. O *Referee*, de Sydney, exaltou o espírito nacionalista: “Do ponto de vista das Colônias, uma equipe do Império teria a grande desvantagem de praticamente eliminá-las do mapa olímpico”.⁶⁰ Nos meses seguintes, crescentes antagonismos austro-húngaros e bálticos no continente colocaram a Grã-Bretanha e seus territórios coloniais externos em rota de colisão para a guerra europeia total (GREGORY, 2008). A eclosão da Grande Guerra forçou o eventual cancelamento dos Jogos Olímpicos de 1916 e acabou com qualquer sonho que houvesse restado de uma equipe unificada do Império Britânico aparecer em Berlim.

Conclusão

A Grande Guerra marcou um período paradoxal na história do Império Britânico. Exaustos, quebrados e feridos, a Grã-Bretanha e seus aliados imperiais emergiram vitoriosos de uma dos períodos mais sombrios e violentos da história

⁵⁹ Minutes, Council, British Olympic Association, 25 April 1913, BOF Archives.

⁶⁰ “British Olympic Games Fund: Imperial Scheme Turned Down”. *Referee* (Sydney), 10 September 1913, p. 9.

moderna. A guerra, a despeito da angustiante perda de vidas humanas, marcou o ápice do patriotismo imperial, quando os “bretões” (no mais democrático sentido do termo) de casa e alhures afluíram para defender a Union Jack. A guerra também apresentou à Grã-Bretanha a oportunidade de estender seu império ao apoderar-se dos antigos territórios coloniais da Alemanha e de seus aliados, por meio de mandatos da Liga das Nações (por exemplo, Camarões, Mesopotâmia e Palestina). À frente do maior império da história mundial, o patriotismo imperial, chegou ao auge da excitação durante os anos do pós-guerra, como se pode perceber na inauguração do Movimento do Dia do Império e na peça de propaganda intitulada Exibição do Império Britânico, realizada no Estádio de Wembley em 1924-1925. O competições esportivas imperiais também ocorreram com regularidade crescente após a guerra: times de críquete dos Domínios visitaram a Grã-Bretanha em quase todos os verões entre 1919 e 1939, com equipes da Inglaterra (ou do MCC⁶¹) retribuindo a gentileza no inverno (WILLIAMS, 1999). Como testemunho do rufar dos tambores das relações imperiais pós-guerra, a velha pátria mãe e seus Domínios autogovernados brancos chegaram a se unir em 1920 (e em duas ocasiões subsequentes, em 1924 e 1928) para formar um esquadrão imperial britânico para competir contra os Estados Unidos em uma série de duelos de atletismo (LUCAS, 1999, p. 41-43). Realizadas pela primeira vez imediatamente após o encerramento dos Jogos Olímpicos de 1920, em Antuérpia, essas competições de atletismo anglo-americanas confirmavam que o patriotismo imperial poderia superar temporariamente as forças do nacionalismo dos Domínios - menos no caso dos espetáculos olímpicos globais de Pierre de Coubertin.

⁶¹ Marylebone Cricket Club (N.E.).

Embora a Grande Guerra se parecesse com um projeto imperial conjunto, ao ponto de se criar um Gabinete de Guerra do Império, ela também serviu como um catalisador para o nacionalismo colonial e, ademais, revelou em que medida as fontes de energia do Império se enfraqueciam. A revolta africâner na África do Sul, o movimento franco-canadense anti-britânico, as críticas da Australásia à liderança militar britânica, as revoltas nos Orientes Próximo e Médio que se seguiram à desintegração dos impérios Otomano e Tsarista, e a reivindicação do Raj de autogoverno na Índia dão uma amostra das crises que afetavam o Império e a tendência de longo prazo de redução do poder britânico. A soberania imperial da Grã-Bretanha se viu frente a uma ameaça mais grave e imediata com a declaração de independência da República da Irlanda, em 1916 e a violenta guerra civil que se seguiu (HOLLAND, 1999). A eleição, em 1924, do primeiro governo trabalhista – pacifista e anti-imperial –, colocou o Império Britânico em uma via gradual rumo à dissolução, confirmando a observação antiga de Alex de Tocqueville de que, uma vez que o processo de reforma democrática ganhasse certa força, era impossível pará-lo (BELL, 2007, p. 41). No *front* interno, níveis cada vez mais altos de dívida nacional, crescimento do liberalismo e do socialismo, e rebeliões domésticas e sociais por toda parte, como ilustrado pela Greve Geral de 1926, levaram muitos observadores prescientes a prever o fim do Império (DEWEY, 1997).

Neste período de ambiguidade imperial, a BOA não conseguiu reviver as discussões pré-guerra sobre a formação de uma equipe unificada do Império Britânico. O declínio subjacente do “nacionalismo britânico” e a crescente assertividade política e nacional dos territórios ultramarinos da Grã-Bretanha, como evocado em *Beyond a Boundary* (1963), do acadêmico e ativista das Índias Ocidentais C.L.R. James, garantiram que uma equipe olímpica imperial nunca se materializasse. Mesmo uma

sequência de derrotas esportivas pesadas no pós-guerra e o subsequente rebaixamento da Grã-Bretanha ao segundo escalão esportivo global (com exceção do futebol, tênis, *rugby union* e *rugby league*) não foram suficientes para despertar novamente as ambições imperialistas da BOA. Após a assinatura da Declaração de Balfour (posteriormente o Estatuto de Westminster), em 1926, estabelecendo o princípio de que os Domínios brancos eram “comunidades autônomas (...) iguais em status (...) embora unidas por uma lealdade comum à Coroa”, os “britânicos” se juntaram para criar os Jogos do Império Britânicos (depois Jogos da Commonwealth), em 1930 (GORMAN, Daniel, 2010, p. 611-634). Com a Grã-Bretanha e seus Domínios brancos competindo como entidades equivalentes, mas separadas, os Jogos do Império Britânico deram concretude às relações imperiais pós-guerra.

Bibliografia

BAILEY, Steve. A Noble Ally and Olympic Disciple: The Reverend Robert S. de Courcy Laffan, Coubertin's 'Man' in England. *Olympika: Journal of Olympic Studies*, v. 6, p. 51-64, 1997.

BARNEY, Robert K., SCOTT, Malcolm; MOORE, Rachael Moore. “‘Old Boys’ at Work and Play: The International Olympic Committee and Canadian Co-option, 1928-1946”. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, v. 8, p. 81-104, 1999.

BEASLEY, Edward. *The Victorian Reinvention of Race*. London: Routledge, 2010.

BELL, Duncan. *The Idea of Greater Britain: Empire and the Future of World Order, 1860-1900*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2007.

BETTS, Raymond F. The Allusion of Rome in British Imperialist Thought in the Late Nineteenth Century. *Victorian Studies*, v. 15, p. 149-159, 1971.

BRENDON, Piers. *The Decline and Fall of the British Empire, 1781-1997*. London: Alfred A. Knopf, 2008.

BUCHANAN, Ian. Who Was Norman Pritchard? *Journal of Olympic History*, v. 8, p. 27-8, 2000.

CANNADINE, David. *Ornamentalism: How the British Saw Their Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CANNADINE, David. *The Decline and Fall of the British Aristocracy*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1990.

COLLEY, Linda. Britishness and Otherness: An Argument. *Journal of British Studies*, v. 31, p. 309-329, 1992.

COLLEY, Linda. *Britons: Forging the Nation 1707-1837*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1994.

COOPER, Frederick. *Colonialism in Question: Theory, Knowledge, History*. Berkeley: University of California Press, 2005.

DEWEY, Peter. *War and Progress: Britain 1914-1945*. London: Longman, 1997.

DUMMETT, Ann; NICOL, Andrew. *Subjects, Citizens, Aliens and Others: Nationality and Immigration Law*. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1990.

DYRESON, Mark. *Making the American Team: Sport, Culture and the Olympic Experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1998.

FERGUSON, Niall. *Empire: The Rise and Demise of the British World Order and the Lessons for Global Power*. New York: Basic Books, 2004.

GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. Rev. ed. New York: Everyman's Library, 1993.

GORDON, Harry. *Australia and the Olympic Games*. Queensland: University of Queensland Press, 1994.

GORMAN, Daniel. Amateurism, Imperialism, Internationalism and the First British Empire Games. *International Journal of the History of Sport*, v. 27, p. 611-634, 2010.

GORMAN, David. *Imperial Citizenship: Empire and the Question of Belonging*. Manchester, U.K.: Manchester University Press, 2010.

GREEN, E.H.H. *The Crisis of Conservatism: The Politics, Economics and Ideology of the Conservative Party, 1880-1914*. London: Routledge, 1996.

GREGORY, Adrian. *The Last Great War: British Society and the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GUINEY, David. The Olympic Council of Ireland. *Journal of Olympic History*, v. 4, p. 31-33, 1996.

- HALL, Catherine. *Civilizing Subjects: Metropole and Colony in the English Imagination 1830-1867*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- HECHTER, Michael. *Internal Colonialism: The Celtic Fringe in British National Development*. London: Transaction, 1999.
- HOLLAND, Robert. The British Empire and the Great War, 1914-1918. In: *The Oxford History of the British Empire: The Twentieth Century*, vol. 4. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 114-137.
- HOLT, Richard. *Sport and the British: A Modern History*. Oxford: Clarendon Press, 1989.
- JAMES, Lawrence. *The Rise and Fall of the British Empire*. New York: St. Martin's Press, 1997.
- JAMES, C.L.R. *Beyond a Boundary*. London: Stanley Paul, 1963. (reprint ed., Durham, N.C.: Duke University Press, 1993.)
- JOBLING, Ian F. The Lion, the Eagle and the Kangaroo: Politics and Proposals for a British Empire Team at the 1916 Berlin Olympics. In: REDMOND, Gerald (ed.). *Sport and Politics: The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings*. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 1986, p. 99-107.
- KOLÁR, František; KÖSSL, Jirí. Pierre de Coubertin and the Czech Lands. *Journal of Olympic History*, v. 4, p. 5-16, 1996.
- LITTLE, Charles; CASHMAN, Richard. Ambiguous and Overlapping Identities: Australia at the Olympic Games, 1896-1914. In: CASHMAN, Richard (ed.). *Sport, Federation, Nation*. Sydney: Walla Walla Press, 2001.
- LLEWELLYN, Matthew P. A Nation Divided: Great Britain and the Pursuit of Olympic Excellence 1912-1914. *Journal of Sport History*, v. 35, p. 73-97, 2008.
- LLEWELLYN, Matthew P. A Tale of National Disaster. *International Journal of the History of Sport*, v. 28, p. 711-729, 2010a.
- LLEWELLYN, Matthew P. "A United Kingdom? Nationalism, Identity and the Modern Olympic Games". In: BARNEY, Robert K.; FORSYTH, Janice; HENNE, Michael K. (ed.). *The International Centre for Olympic Studies 10th International Symposia for Olympic Research*, London, Ont.: International Centre for Olympic Studies, University of Western Ontario, 2010b, p. 94-105.
- LLEWELLYN, Matthew P. *Rule Britannia: Nationalism, Identity and the Modern Olympic Games*. London: Routledge Press, 2011a.
- LLEWELLYN, Matthew P. The British Olympics. *International Journal of the History of Sport*, v. 28, p. 683-701, 2011b.

LLEWELLYN, Matthew P. The Empire Savers. *International Journal of the History of Sport*, n. 28, p. 730-750, 2010c.

LORIMER, Douglas A. *Colour, Class and the Victorians: English Attitudes to the Negro in the Mid-Nineteenth Century*. Leicester, U.K.: Leicester University Press, 1978.

LORIMER, Douglas A. Race, Science and Culture: Historical Continuities and Discontinuities, 1850-1914. In: WEST, Shearer (ed.). *The Victorians and Race*. Aldershot, U.K.: Scolar Press, 1996, p. 12-33.

LOWERSON, John. *Sport and the English Middle Classes, 1870-1914*. Manchester, U.K.: Manchester University Press, 1993.

LUCAS, John. The Greatest Gathering of Track and Field Olympians: The British Empire versus the U.S.A/, 1920, 1924, and 1928. *Journal of Olympic History*, v. 7, p. 41-43, 1999.

MAJUMDAR, Boria. *India and the Olympics*. London: Routledge, 2009.

MANGAN, J.A. *The Games Ethic and Imperialism: Aspects of the Diffusion of an Ideal*. Rev. ed. London: Frank Cass, 1998.

MCCARTHY, John Kevin. *Gold, Silver and Green: The Irish Olympic Journey 1896-1924*. Cork, Ireland: Cork University Press, 2010.

MCCLELLAND, Keith; ROSE, Sonya O. Citizenship and Empire, 1867-1928. In: HALL, Catherine; ROSE, Sonya O. (ed.). *At Home with the Empire: Metropolitan Culture and the Imperial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MCDEVITT, P.F. *May the Best Man Win: Sport, Masculinity, and Nationalism in Great Britain and the Empire, 1880-1935*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

MOORE, Katherine. One Voice in the Wilderness: Richard Coombes and the Promotion of the Pan-Britannic Festival Concept in Australia 1891-1911. *Sporting Traditions*, v. 5, p. 188-203, 1989.

MOORE, Katherine. The Pan-Britannic Festival: A Tangible but Forlorn Expression of Imperial Unity. In: MANGAN, J.A. (ed.). *Pleasure, Profit, Proselytism: British Culture and Sport at Home and Abroad, 1700-1914*. London: Frank Cass, 1998, p. 144-162.

NAURIGHT, John. Colonial Manhood and Imperial Race Virility: British Responses to Post-Boer War Colonial Rugby Tours. In: NAURIGHT, John; CHANDLER, Timothy J.L. (ed.). *Making Men: Rugby and Masculine Identity*. London: Frank Cass, 1996, p. 121-139.

NIELSEN, Erik. The Fall of Australasia and the Demise of the Empire Olympic Team. In: BARNEY, Robert K.; FORSYTH, Janice; HENNEIN, Michael K. (eds.). *The International Centre for Olympic Studies 10th International Symposia for Olympic Research*. London, Ont.: International Centre for Olympic Studies, University of Western Ontario, 2010, p. 106-115.

PORTER, Bernard. *The Absent-Minded Imperialists: Empire, Society and Culture in Britain*, Oxford: Oxford University, Press, 2004.

REYNOLDS, David. *Britannia Overruled: British Policy & World Power in the 20th Century*. London: Longman, 1991.

ROBBINS, Keith. *Great Britain: Identities, Institutions and the Idea of Britishness*. London: Longman Press, 1998.

SAID, Edward. *Orientalism*. New York: Pantheon, 1978.

SEARLE, G.R. *The Quest for National Efficiency: A Study in British Politics and Political Thought, 1899-1914*. London: Ashfield Press, 1990.

SEELEY, John Robert. *The Expansion of England: Two Courses of Lectures*. Ed. John Gross. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

VAN DER MERWE, Floris J. G. Formation of the South African National Olympic Association. In: *Olympic Games through the Ages: Greek Antiquity and Modern Sport: Proceedings of the 13th International HISPA Congress, Olympia, Greece, May 22-28, 1989*. Athens: Hellenic Sports Research Institute, 1991, p. 251-259.

WEBSTER, F.A.M. *The Evolution of the Olympic Games, 1829 B.C.-1914 A.D.* London: Heath, Cranton & Ouseley, 1914.

WILLIAMS, Jack. *Cricket and England: A Cultural and Social History of the Interwar Years*. London: Frank Cass, 1999.